



Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros

ISSN: 2237-2342 (impresso)
L-ISSN: 2178-2008 (on-line)

Ano X, Vol.X, n.38, abr./jun., 2019.

Tramitação editorial:
Data de submissão: 30/04/2019.
Data de reformulação: 15/05/2019.
Data de aceite definitivo: 30/05/2019.
Data de publicação: 20/06/2019.

Editora Responsável: Me. Ana Carolina Borges de Oliveira.

PARA COMPREENDER DEUS EM SPINOZA ENQUANTO NATUREZA

Jonas Rodrigo Gonçalves¹

Resumo

Este artigo busca tornar evidente o conceito de Deus em Spinoza enquanto Natureza, partindo da análise da obra *Ética* deste autor, bem como da interpretação de outros(as) autores(as) sobre o mencionado conceito. O problema é: “Como Spinoza constrói o conceito de Deus enquanto Natureza?”. Como metodologia, tem-se um artigo de revisão de literatura, em campo conceitual, no qual são confrontados alguns autores sobre um determinado tema. A publicação se justifica, no campo pessoal, pelo fato de os autores serem docentes e às vezes se depararem com alunos(as) com dificuldades em conceituar Deus em Spinoza; constitui relevância para a ciência, por oportunizar mais um trabalho de análise conceitual em Spinoza, dentre tantos outros já existentes; à sociedade brasileira agrega por apresentar um deus imanente diferente do deus transcendental presente na visão da moral cristã do ocidente.

Palavras-chave: Deus. Spinoza. Imanência. Deus como Natureza. Deus imanente.

Abstract

This article seeks to make evident the concept of God in Spinoza as Nature, starting from the analysis of the work *Ethics* of this author, as well as the interpretation of other authors on the said concept. The problem is: "How does Spinoza build the concept of God as Nature?". As a methodology, there is a literature review article, in the conceptual field, in which some authors are confronted on a certain theme. The publication is justified, in the personal field, by the fact that the authors are teachers and sometimes they come across students with difficulties in conceptualizing God in Spinoza; is relevant to science, because it offers a further work of conceptual analysis in Spinoza, among many others already existing; to the Brazilian society adds for presenting an immanent god different from the transcendental god present in the vision of the Christian morality of the West.

Keywords: God. Spinoza. Immanence. God as Nature. Immanent God.

Introdução

Este artigo busca evidenciar o conceito Deus em Spinoza enquanto Natureza, partindo da análise da obra *Ética* deste autor, bem como da interpretação de outros(as) autores(as) sobre o

¹ Doutorando em Psicologia pela UCB. Mestre em Ciência Política (Políticas Públicas, Direitos Humanos e Cidadania). Licenciado em Filosofia e Letras. Habilitado em Sociologia, História, Psicologia e Ensino Religioso. Especialista em: Letras (Linguística: Revisão de Texto); Didática do Ensino Superior em EAD; Formação em EAD; Docência do Ensino Superior; Gestão do Agronegócio. Professor universitário. Escritor, autor/coautor de 61 livros. Revisor.

mencionado conceito. Deus (Natureza) é uma substância, ou seja, é causa de si mesma, cuja essência envolve a existência. Essa substância que é causa de si não foi criada por nada, a não ser por si mesma.

O problema é “Como Spinoza constrói o conceito de Deus enquanto Natureza?”. Os corpos e as mentes, ou seja, nós, que somos corpo e mente, porém, não só nós, mas também as outras coisas – outros corpos e outras mentes (inclusive não humanos) – são produtos de Deus ou da Natureza. Somente Deus (Natureza) é absolutamente livre, o ser humano não o é, dado que o homem é parte da Natureza.

Como hipótese, acredita-se que sim, que, em Spinoza, Deus deve ser entendido como Natureza. Deus (Natureza) é entendido enquanto *causa de si*. Dessa maneira, ao dizer que substância é o que existe em si e por si é concebido, Spinoza mostra que só pode existir uma substância, que é absoluta e se identifica com Deus (Natureza). Esta substância absoluta é potência absoluta de autoprodução e de produção de todas as coisas.

Como metodologia, tem-se um artigo de revisão de literatura, em campo conceitual, no qual são confrontados alguns autores sobre um determinado tema. Este artigo parte do próprio Benedictus de Spinoza. Além dele, conta-se com as contribuições a partir das leituras de G. Deleuze; Amauri Carlos Ferreira; Ondina Pena Pereira; Roberto Leon Ponczek; e Tomaz Tadeu.

A publicação se justifica, no campo pessoal, pelo fato de os autores serem docentes e às vezes se depararem com alunos(as) com dificuldades em conceituar Deus em Spinoza; constitui relevância para a ciência, por oportunizar mais um trabalho de análise conceitual em Spinoza, dentre tantos outros já existentes; à sociedade brasileira agrega por apresentar um deus imanente diferente do deus transcendental presente na visão da moral cristã do ocidente.

Deus enquanto Natureza em Spinoza

A priori Spinoza afirma não só existir Deus, mas sim que isso se pode demonstrar, já que a existência pertence à Natureza de Deus. Em sua Ontologia, afirma que “as essências das coisas são desde a eternidade e permanecerão imutáveis por toda a eternidade”.²

No intuito de preparar o caminho para a definição de Deus, ele busca as definições de “causa de si”, de “substância”, de “atributo”, de “modo”, de “liberdade” e de “eternidade”. E o faz a partir das noções tradicionais, mas dando-lhes novas direções que embasarão sua construção metafísica.

² ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Prefácio Marilena Chauí. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção FILÓ/Espinosa), p.49.

Nesse sentido, os corpos e as mentes, ou seja, nós, que somos corpo e mente, porém, não só nós, mas também as outras coisas – outros corpos e outras mentes (inclusive não humanos) – são produtos de Deus ou da Natureza. Logo, os corpos e as mentes são produtos da Natureza (Deus). Somente Deus (Natureza) é absolutamente livre, o ser humano não o é, dado que o homem é parte da Natureza. Só Deus possui uma potência absoluta de existir, o homem não, justamente por ser parte de Deus, não deriva da essência humana a sua existência, no sentido de não pertencer à essência humana a sua própria existência. A existência humana expressa a essência divina.

Deus (Natureza) é uma substância, ou seja, é causa de si mesma, cuja essência envolve a existência. Essa substância que é causa de si não foi criada por nada, a não ser por si mesma. Caso tivesse advindo de algo, Deus não seria essa substância. Como causa de si, ela se produz. Isso quer dizer que Deus existe necessariamente. Isto é, não existe um início da existência de Deus, nem haverá um fim dessa existência. Deus (Natureza) existe infinita e eternamente. Deus é causa de si e a sua essência envolve a sua existência como corpo e mente. Sempre houve e sempre existirão corpos na Natureza, das mais diversas formas, bem como as mentes, cuja produção é infinita, por parte da Natureza (Deus).

Para Spinoza, a existência de Deus é essência, visto que o homem tem a ideia de Deus, Ele deve existir formalmente e não de maneira eminente, uma vez que tanto acima, quanto fora d'Ele, não há nada mais real ou mais excelente. “Deus, ao contrário, por ser a primeira causa de todas as coisas, e causa também de si mesmo, dá-se a conhecer a si por si mesmo.”³ Isso refuta Tomás de Aquino que afirmou que Deus não poderia ser mostrado *a priori*, pois, por certo, estaria na perspectiva de um deus criador, transcendente, no campo do imaginário.

Com isso, certamente, neste momento, já se percebe o rompimento de Spinoza com a vertente do Deus ocidental, fundamentado em Platão e Aristóteles, cuja apropriação na perspectiva da moral cristã do Ocidente se deu com Tomás de Aquino.

O Deus de Spinoza é “um ser do qual é afirmado tudo, a saber, infinitos atributos, cada um dos quais é infinitamente perfeito em seu gênero”.⁴

Inicialmente, pode-se conceber existir a substância constituída por infinitos atributos, os quais são qualidades ou potências. Dois desses infinitos atributos (ou dessas infinitas potências) produzem

³ ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Prefácio Marilena Chauí. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção FILÓ/Espinosa), p.51.

⁴ ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Prefácio Marilena Chauí. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção FILÓ/Espinosa), p.52.

corpos e mentes. Porém, existem infinitas potências de Deus que produzem outras coisas ou outros modos. Um dos atributos é denominado por Spinoza de “Extensão”. Este atributo produz corpos (orgânicos ou inorgânicos, o que inclui também corpos não sólidos, como ar, odor, ou tudo o que for da ordem da matéria). Ou seja, tudo o que é da ordem da matéria é modo de Deus, modificações da Natureza. Logo, Deus, por meio da sua potência Extensão produz corpos infinitamente. O outro atributo (potência) “Pensamento” de Deus (Natureza) produz mentes, infinitamente. Na tradução, tem-se considerado “alma”, entretanto, estudiosos da atualidade, em retomada etimológica do termo latino, tem optado por “mente”, visto que não se pode considerar alma no sentido cristão e/ou Platônico.

Spinoza nega qualquer relação de causalidade entre o pensamento e o corpo, qualquer eminência ou determinação de um sobre o outro. Com isso, estabelece um contraponto à posição filosófica inaugurada por Descartes que pretende fundar uma Moral enquanto forma de dominar as paixões pela consciência.⁵

Spinoza respalda isso em quatro vertentes: toda substância deve ser infinitamente perfeita em seu gênero, não existindo, portanto, substância limitada; não existem substâncias iguais; uma substância não pode reproduzir outra.

Se não existe nenhuma substância limitada, pressupõe-se que só Deus (ou a Natureza) é Substância, uma vez que uma substância que exista por si mesma será limitada pela sua causa, a qual necessariamente é Deus (Natureza).

Nesse sentido, os corpos e as mentes, ou seja, nós, que somos corpo e mente, porém, não só nós, mas também as outras coisas – outros corpos e outras mentes (inclusive não humanos) – são produtos de Deus ou da Natureza. Logo, os corpos e as mentes são produtos da Natureza (Deus). Somente Deus (Natureza) é absolutamente livre, o ser humano não o é, dado que o homem é parte da Natureza. Só Deus possui uma potência absoluta de existir, o homem não, justamente por ser parte de Deus, não deriva da essência humana a sua existência, no sentido de não pertencer à essência humana a sua própria existência. No entanto, a Deus (Natureza) pertence a sua própria existência.

Com Spinoza, não só não há domínio do corpo pela consciência, como fica definido que o que é ação na alma é também necessariamente ação no corpo e o que é paixão no corpo é necessariamente paixão na alma. Dois universos – o do pensamento e o do corpo – são expressões

⁵ DELEUZE, G. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002, p.23-50, *apud* PEREIRA, Ondina Pena. A prática psicológica e a crítica aos sistemas hegemônicos de produção de significados: uma contribuição conceitual. PEREIRA, Ondina Pena (Org.). **Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Jundiaí: Paco, 2015, p.15.

de uma mesma realidade. Realidade que se manifesta em cada um dos seres, os quais, estando no mundo, encontram outros seres, o que produz encontros entre ideias, encontros entre corpos.⁶

Deus (Natureza) é uma substância, ou seja, é causa de si mesma, cuja essência envolve a existência. Essa substância que é causa de si não foi criada por nada, a não ser por si mesma. Caso tivesse advindo de algo, Deus não seria essa substância. Como causa de si, ela se produz. Isso quer dizer que Deus existe necessariamente. Isto é, não existe um início da existência de Deus, nem haverá um fim dessa existência. Deus (Natureza) existe infinita e eternamente. Deus é causa de si e a sua essência envolve a sua existência como corpo e mente. Sempre houve e sempre existirão corpos na Natureza, das mais diversas formas, bem como as mentes, cuja produção é infinita, por parte da Natureza (Deus).

A alma (ou melhor, a mente) é algo que não é corpóreo, por ser produto do atributo Pensamento e não do atributo Extensão. Ou seja, a mente é distinta do corpo. No entanto, ambos – corpo e mente – exprimem a mesma potência absoluta, que é a própria Natureza (Deus). Daí Spinoza ter sido taxado como perigoso, ou mesmo marginal, à medida que rompe com a tradição teológica ocidental. Pois, para ele, não existe uma superioridade de um (alma ou mente) com relação ao outro (corpo), visto que corpo e mente exprimem a mesma potência absoluta.

Nós, seres humanos, enquanto corpo e mente, não viemos à existência por meio da nossa própria essência. Mas sim viemos à existência em razão da essência de Deus (Natureza). Isso a partir de causas reais: misturas, choques de corpos que geraram nosso próprio corpo, bem como aconteceu com o universo, com o planeta Terra etc. Tudo advém de misturas de corpos. Mas misturas não determinadas, como apregoa a cultura cristã do Ocidente, mas fora do âmbito do destino, isto é, as coisas existem por necessidade. Se existe encontro de corpos, por composição, as coisas nascem. A Natureza (Deus) não depende de algo externo para existir. É da sua essência. Nós sim, nós dependemos de Deus (Natureza) para existir.

Nessa perspectiva, Deus (Natureza) é entendido enquanto *causa de si*, Spinoza entende que “*Tudo o que existe, existe em si ou em outra coisa*”.⁷ Dessa maneira, ao dizer que substância é o que existe em si e por si é concebido, Spinoza mostra que só pode existir uma substância, que é absoluta e se identifica com Deus (Natureza). Esta substância absoluta é potência absoluta de autoprodução e de produção de todas as coisas. Sua essência e sua existência são idênticas como também são idênticas

⁶ PEREIRA, Ondina Pena. A prática psicológica e a crítica aos sistemas hegemônicos de produção de significados: uma contribuição conceitual. PEREIRA, Ondina Pena (Org.). **Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Jundiaí: Paco, 2015, p.15.

⁷ SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução de Tomaz Tadeu] Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 14, Axioma I, Ética I.

à sua potência ou força para existir por si e em si infinitamente. Considera-se eternidade essa identidade da existência, da potência e da essência da substância.

Para Spinoza, a eternidade não é uma qualidade do tempo, mas a ausência de tempo. A identidade entre existência, potência e essência forma a complexidade infinita da qual torna-se constatável somente poder existir uma substância no universo, uma vez que, se existissem mais substâncias, ter-se-ia que admitir a existência de um ser infinito limitado por outro ser infinito, o que seria uma contrariedade e, logo, um absurdo. (referência)

Existe, então, uma única substância, a qual é eterna e rege todo o universo, e na qual ser, agir e existir constituem a mesma coisa. Em seu agir faz-se existir a si mesma e faz todas as coisas existirem como expressão de si mesmas. Esse Deus, enquanto Natureza, não é religioso nem antropomórfico, também não é transcendente, mas imanente à realidade natural, de concepção metafísica. Esta posição é uma concepção puramente filosófica, sem influência religiosa, através da qual Deus é essencialmente um princípio metafísico.

Deus não sofre constrangimento, o homem sofre, quando experimenta tristeza, por exemplo. O homem não é absolutamente livre, pois não existe por sua própria essência. Quando a mente humana conhece Deus (Natureza), isso é sinônimo de liberdade, mesmo que nunca seja uma liberdade absoluta, é uma liberdade parcial. Porém, essa liberdade parcial já conecta o homem ao absoluto. Jamais o homem será como Deus (Natureza). Basta que tome parte de Deus nele mesmo, ser humano, que ele exerce sua própria liberdade.

Para Spinoza, corpos e mentes serão modos, ou seja, modificações. Visto que o homem não é absolutamente livre, mas só aparentemente livre. Quando a mente conhece Deus (Natureza), isso é sinônimo de liberdade, porém, nunca será uma liberdade absoluta, mas sim uma liberdade parcial passível de conectar o homem ao absoluto. Dado que o homem nunca será como Deus (Natureza), mas uma parte de Deus nele mesmo que ele exerce com a sua própria liberdade. Logo, a Natureza (Deus) se constitui por substância e infinitos atributos, e produz, portanto, os corpos e as mentes – que são os modos, ou seja, corpos e mentes são modificações de Deus (da própria Natureza).

Portanto, para que a essência da infinita substância divina seja concebida, serão necessários infinitos atributos ou predicados eternos, pois que, se assim não fosse, estaríamos negando a sua infinitude (não limitação) através de um limitado número de atributos. Segundo o filósofo, “Omnis determinatio, negatio” tendo aqui determinatio o sentido de definir, restringir ou limitar por propriedades. A substância, em seus infinitos atributos infinitos, não pode ser definida nem como conjunto limitado de propriedades nem como sustentáculo de atributos.⁸

⁸ PONCZEK, Roberto Leon. **Deus ou seja a natureza**: Spinoza e os novos paradigmas da física. Salvador : EDUFBA, 2009, p.70.

Nesse sentido, Spinoza apresenta duas noções: Natureza Naturante e Natureza Naturada. A Natureza Naturante se refere a Deus como potência para existir, já a Natureza Naturada é Deus existindo com corpo e mente. A Natureza Naturante – natureza como potência de existir – refere-se à substância constituída por infinitos atributos; a Natureza Naturada – natureza já existindo - concerne os corpos e as mentes. Ele une a Natureza Naturante à Natureza Naturada, ou seja, une Deus (Natureza) aos seus próprios produtos, enquanto coexistência. Deus (Natureza) coexiste com seus próprios produtos. Logo, Deus é imanente às coisas e não transcendente às coisas – concepção de Deus na moral cristã ocidental, a qual é uma questão só de crença, já que não pode ser sentido, tocado, experimentado nem conhecido, é uma questão de domínio das massas.

Por mais ignorante que seja o ser humano, Deus (Natureza) está nele. Por isso que se usa o termo ignorante, pelo fato de o homem ignorar que Deus (Natureza) está nele (homem). Na ontologia de Spinoza, ele não recorre a algo transcendente para explicar a natureza das coisas, ele buscará a explicação pela própria natureza. Ele buscará a explicação da existência das coisas pela própria natureza. As coisas não vieram do nada e não irão para o nada. Logo, existe algo que é causa de si, que não precisa de nada de fora para poder existir, cuja potência absoluta é essa mesma de existir e que, essa coisa existindo, ela existe em corpos e em mentes. Esses corpos e mentes que são num sentido finitos, como os corpos humanos, por exemplo, e também as nossas mentes – corpos finitos e mentes finitas –, e ambos (corpos e mentes) não estão dissociados de um infinito de ideias ou de mentes.

Para o intelecto humano finito, apenas dois destes atributos seriam perceptíveis, a extensão (forma, volume, densidade, posição, repouso, movimento dos corpos etc.) e o pensamento (paixões, volições, intuições, ideias, vontade etc.). Se, pelo contrário, a mente humana fosse capaz de perceber a substância, em toda a sua infinita plenitude, a estaria determinando, e assim negando-a. Portanto, o pensamento e a matéria extensa são as únicas coisas que percebemos da substância, pelo fato de que uma inteligência finita não pode definir algo que é infinito. É importante entender que na definição de atributo: “Por atributo entendo o que o intelecto percebe da substância...”, o “intelecto” a que se refere Spinoza não poderia ser tão-somente o intelecto humano, pois se assim fosse apenas dois deles existiriam, justamente aqueles que percebemos, extensão e pensamento, e desta forma a mente humana estaria limitando a substância a esses dois atributos, o que levaria todo o sistema lógico à contradição.⁹

A liberdade humana, que concerne o conhecimento racional, é o aliar-se a um infinito de corpos, que está o tempo inteiro afetando-nos. No entanto, enquanto se ignora isso, permanece uma visão finita da existência, a qual permite, inclusive, a criação de um falso infinito, que é a salvação da alma, por exemplo. Então, unindo os corpos e as mentes a uma potência absoluta de existir – que

⁹ PONCZEK, Roberto Leon. **Deus ou seja a natureza**: Spinoza e os novos paradigmas da física. Salvador : EDUFBA, 2009, p.70-71.

é Deus (Natureza) –, Spinoza rompe com o deus transcendente criador (moral cristã do ocidente) e com a superioridade da alma (ou da mente) em relação ao corpo, pois ambos exprimem a mesma potência, é Deus na mente e Deus no corpo. Deus (Natureza) existindo nos corpos e nas mentes, deseja, ou seja, Deus se esforça para perseverar na sua própria natureza.

Mais adiante, ao analisarmos a teoria dos afetos de Spinoza, entenderemos melhor o que é este esforço no corpo e este esforço na mente. É a natureza em nós se esforçando para aumentar sua potência, isto é, desejo, o desejo de perseverar no seu ser, na sua própria natureza. Por isso, quando estamos separados de perseverar o nosso próprio ser, ficamos tristes, pois ocorre uma diminuição da nossa potência, tanto nossa potência de agir como nossa potência de pensar, porque ficamos separados de perseverarmos o nosso próprio ser.

A substância, que é causa de si, cuja essência envolve necessariamente sua própria existência, só existe através de seus infinitos atributos, que são potências. Existem infinitos atributos produzidos pela própria substância, ou seja, a própria substância produz esses infinitos atributos – infinitas potências de Deus. São os atributos da substância que a exprimem. Spinoza une a Natureza Naturante à Natureza Naturada, por isso o uso do mesmo vocábulo “natureza”. Dessas duas potências são produzidos os corpos e as mentes. Por mais que Deus se constitua por infinitas potências, não é uma imperfeição nós, homens, sermos constituídos de apenas duas potências.

Natureza Naturada é o que existe: um corpo e uma mente já é Natureza Naturada. Spinoza denominará de atributo Extensão aquilo que produz os corpos. O atributo Extensão não produz ideia (mente), por isso o corpo não pensa. É a mente quem pensa. Assim, o atributo extensão, que é uma potência de Deus, produz, por toda a eternidade, corpos, das mais diversas formas, visto que a forma é o resultado do encontro. A forma é o resultado de um encontro de corpos, é uma criação. Deus (Natureza) não fez o homem a partir de um modelo, de uma forma, mas sim os corpos são produtos de um agenciamento: de criações da Natureza. Deus produz corpos necessariamente (atributo Extensão).

Um agenciamento é isso. Não apenas a reunião ou o ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos quando eles se reúnem ou se juntam, sempre sob o ponto de vista de seu movimento e de seus mútuos afectos. Não se trata apenas de uma questão de soma, mas de encontro ou de composição. Não apenas a simples justaposição assinalada pela conjunção "e", mas a complexa combinação implicada pela partícula "com". "Isto e aquilo" é bom, mas "isto com aquilo" é ainda melhor. Tudo girará, então, em torno da questão de saber quais composições, quais encontros, quais agenciamentos são bons e quais são maus.¹⁰

¹⁰ TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação e Realidade**. Vol. 27, n.2, jul.-dez., 2002, p. 10.

Mas existe o atributo Pensamento, o qual produz a mente (também chamada de alma em algumas traduções) já como modo. Essa potência de Deus, chamada de Pensamento, produz ideias. Uma ideia ou uma mente já é um modo, isto é, Deus existindo. Uma mente é uma potência de conhecer, de produzir ideias. Além de produzir uma potência permanente de produzir ideias, o Pensamento.

Dessa forma, Spinoza garante autonomia do corpo e da mente, embora estejam unidos (o corpo e a mente), porque exprimem a potência de Deus. Onde está a garantia da autonomia? No fato de que não é a mente que irá produzir um corpo. O esforço, em Spinoza, é para conhecer a própria Natureza. Não é a mente que irá interferir na ordem dos corpos. Um corpo vem à existência pela ordem corpórea, ou seja, pela mistura dos corpos. Não é uma mente que irá produzir um corpo, ou vice-versa. Por isso, não é o atributo Pensamento que irá produzir um corpo, mas o atributo Extensão.

A partir da distinção real dos atributos extensão e pensamento podemos dizer que não é possível estabelecer uma relação de *causalidade* entre o corpo e a mente. Existe, na verdade, uma ordem e conexão necessária entre os corpos, que somente produz corpos, assim como há também uma ordem e conexão entre as ideias, que somente produz ideias. Para Spinoza, um corpo *não* produz uma mente ou uma ideia, assim como uma mente *não* produz um corpo. Mas, primeiramente, toda ideia é ideia de alguma coisa existente em ato, e não uma ideia de algo que não existe.¹¹

A ideia da imanência é esta: se algo existe, existe na Natureza (Deus). Já o conhecimento de que as coisas existem em Deus (Natureza) é um conhecimento da razão (segundo gênero), que é quando já se exerce a liberdade, inclusive, para poder afirmar um mau encontro. Se há um mau encontro, isto é, se existe tristeza, é porque há uma ordem da Natureza. Não há culpado.

Deus, em Spinoza, muda a todo tempo, à medida que é causa de si mesmo. Diferencia-se do deus da Teologia (moral cristã do ocidente). A Natureza Naturante envolve a Natureza Naturada. A Natureza, portanto, sempre existirá como corpo e mente. Não se trata, então, de um deus uno, imutável, mas sim de um deus que muda a todo tempo, que é potência de se diferenciar de si mesmo, e as coisas vivem essa potência absoluta de se diferenciarem de si mesmas. Por isso, quem se reduz a identidade fixa, reduz-se à imaginação, a qual oferece a ilusão da identidade fixa.

Deus, a substância que consta de infinitos atributos, cada um exprimindo uma potência eterna e infinita, existe necessariamente:

Proposição 7. À natureza de uma substância pertence o existir. Demonstração. Uma substância não pode ser produzida por outra coisa (pelo corol. da prop. prec.). Ela será, portanto, causa de si

¹¹ FERREIRA, Amauri Carlos. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Quebra Nozes, 2009, p.16 [Disponibilizado por Le Livros]. Acesso em: 14 abr. 2019. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8ex51>>.

mesma, isto é (pela def. 1), a sua essência necessariamente envolve a existência, ou seja, à sua natureza pertence o existir.¹²

Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente. Até este ponto, Spinoza traz dez proposições, axiomas e definições, porém, é na proposição 11 que ele, de fato, chega ao que ele denomina Deus: “Proposição 11. Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”.¹³ Por exemplo, o atributo Extensão exprime uma potência eterna e infinita de Deus, o atributo Pensamento também produz uma potência eterna e infinita de Deus, daí a existência de uma produção infinita de mentes e de corpos. Não se trata do deus antes dos atributos, que seria o deus uno, transcendente. Mas o Deus que se exprime por meio de seus infinitos atributos. Ocorre uma multiplicidade de potência (atributos) que exprime a mesma substância. São atributos distintos, embora não haja superioridade de um sobre o outro.

Referências

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Prefácio Marilena Chauí. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção FILÓ/Espinosa).

FERREIRA, Amauri Carlos. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Quebra Nozes, 2009, p.16 [Disponibilizado por Le Livros]. Acesso em: 14 abr. 2019. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8ex51>>.

PEREIRA, Ondina Pena (Org.). **Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Jundiaí: Paco, 2015.

PEREIRA, Ondina Pena. A prática psicológica e a crítica aos sistemas hegemônicos de produção de significados: uma contribuição conceitual. PEREIRA, Ondina Pena (Org.). **Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Jundiaí: Paco, 2015.

PONCZEK, Roberto Leon. **Deus ou seja a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física**. Salvador : EDUFBA, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução de Tomaz Tadeu] Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

¹² SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução de Tomaz Tadeu] Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 16.

¹³ SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução de Tomaz Tadeu] Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 19.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação e Realidade**. Vol. 27, n.2, jul.-dez., 2002.